

Expressões do pensamento católico: Gênese conservadora e contradições “libertadoras” no jornal católico O São Paulo entre 1956 e 1985

Fábio Lanza¹
José Wilson Assis Neves Júnior²
Luiz Ernesto Guimarães³

Resumo: O seguinte trabalho analisou o universo católico, com atenção à Arquidiocese de São Paulo a partir do seu meio de comunicação social o jornal semanário “O São Paulo” entre 1956 e 1985. Para isso, adotou-se como metodologia a análise de fontes documentais, por meio da seleção de editoriais do respectivo jornal, de forma intencional, contendo as diferentes formas do pensamento católico e seu direcionamento ideológico. De forma complementar, recorreremos ao arquivo de matérias censuradas d’O São Paulo durante a década de 1970 pelos militares, apoiados na doutrina de Segurança Nacional. Assim a problematização acerca do direcionamento do pensamento católico na Arquidiocese de São Paulo permitiu identificar o pêndulo entre o conservadorismo católico ultramontano e seu alinhamento com grupos de extrema direita – como o movimento da TFP – e a “opção preferencial pelos pobres” – fomentado pela Teologia da Libertação e vinculado aos movimentos sociais. Como resultado identificou-se a ocorrência de uma mudança na direção do pensamento católico paulistano consolidando uma perspectiva católica “progressista”.

Palavras-chave: Igreja Católica; Ditadura Militar (1964-1985); Meios de Comunicação Social.

Expressions of Catholic thought: Conservative genesis and “liberating” contradictions in the Catholic newspaper *O São Paulo*

Abstract: The following work analyzed the Catholic universe, with attention to the Archdiocese of São Paulo from its means of social communication, the weekly newspaper “O São Paulo”, between 1956 and 1985. The methodology mobilized was the

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e dos programas de Pós- Graduação em Sociologia da mesma instituição. Possui doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP, mestrado e graduação pela UNESP. E-mail: lanza@uel.br

² Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Assistente Administrativo do Escritório de Apoio à Pesquisa e Internacionalização da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru). E-mail: nevesjr1991@gmail.com

³ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista – Campus Marília. Professor junto ao Departamento de Ciências Humanas – UEMG / Barbacena. E-mail: pr.ernesto@gmail.com

documental analyzes by intentionally selecting editorials from the respective newspaper that contains the different ways of Catholic thought and its ideological direction. In a complementary way, we resorted to the archive of censored materials from O São Paulo during the 1970s by the military, supported by the National Security doctrine. Thus, the problematization regarding the direction of Catholic thought in the Archdiocese of São Paulo allowed us to identify the pendulum between ultramontane Catholic conservatism and its alignment with extreme right-wing groups – such as the TFP movement – and the “preferential option for the poor” – promoted by Theology of Liberation and linked to social movements. As a result, we can identify that there was a change in the direction of Catholic thought in São Paulo, consolidating a “progressive” Catholic perspective.

Keywords: Catholic church; Military Dictatorship (1964-1985); Social Media.

Expresiones del pensamiento católico: génesis conservadora y contradicciones “libertadoras” en el periódico católico *O São Paulo*

Resumen: El siguiente trabajo analizó el universo católico, con atención a la Archidiócesis de São Paulo desde su medio de comunicación social, el semanario “O São Paulo”, entre 1956 y 1985. La metodología movilizada fue el análisis documental mediante la selección intencional de editoriales del respectivo periódico que contiene las diferentes formas del pensamiento católico y su dirección ideológica. De manera complementaria, recurrimos al archivo de materiales censurados en São Paulo durante la década de 1970 por los militares, apoyados en la doctrina de Seguridad Nacional. Así, la problematización sobre la dirección del pensamiento católico en la Arquidiócesis de São Paulo permitió identificar el péndulo entre el conservadurismo católico ultramontano y su alineación con grupos de extrema derecha – como el movimiento TFP – y la “opción preferencial por los pobres” – promovido por la Teología de la Liberación y vinculado a los movimientos sociales. Como resultado, podemos identificar que hubo un cambio en la dirección del pensamiento católico en São Paulo, consolidándose una perspectiva católica “progresista”.

Palabras clave: Iglesia Católica; Dictadura Militar (1964-1985); Medios de comunicación social.

Recebido em 25/01/2024 - Aprovado em 09/02/2024

Introdução⁴

Fundado em 1956, o jornal semanário paulistano *O São Paulo* pode ser considerado um dos principais meios de comunicação da imprensa escrita católica das

⁴ Este artigo compõe parte da análise realizada no seguinte trabalho: “A Ditadura Militar no Discurso - Memória da Igreja Católica Arquidiocese de São Paulo (1964-1985)”, dissertação defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História e Cultura (UNESP). O texto foi

décadas de 1960 a 1980. É importante ressaltar que, juntamente com os jornais *Movimento e Tribuna de Imprensa*, o semanário católico *O São Paulo* permaneceu velado pela censura prévia da ditadura militar até o ano de 1978, diferentemente da maioria dos veículos da imprensa escrita brasileira que, adequando-se ao método da autocensura, passaram a ser liberados desta ferramenta de coerção estatal a partir de meados de 1975 (NEVES JR, 2016). Reforça-se, desta forma, que durante a década de 1970:

A Igreja brasileira foi um alvo preferencial de censura. O governo fechou diversas estações de rádio, impediu publicação e distribuição de documentos episcopais e usou a Bipartite para pressionar os bispos para que evitassem, baixassem o tom ou voltassem atrás em suas declarações. A campanha contra a Igreja se tornou mais intensa quando o clero assumiu seu papel de ser “a voz dos que não tem voz”. Um exemplo foi o semanário arquidiocesano *O São Paulo* (SERBIN, 2001, p. 349).

Dentro deste prisma, de reconhecimento do importante papel histórico desempenhado pelo semanário católico na conjuntura brasileira, este trabalho explorou alguns dos principais elementos políticos e ideológicos que permearam as edições do semanário *O São Paulo*, desde sua gênese em 1956 até a sua efetiva tomada de posicionamento oficial em combate à ditadura militar brasileira a partir do ano de 1970. As análises buscam evidenciar um complexo processo de transição que permeou a mudança de perspectiva editorial do jornal, marcado por contradições e pela coexistência das divergências nas páginas do jornal.

As fontes, constituídas por matérias do próprio semanário católico, foram selecionadas de forma intencional, a partir dos critérios de identificação da tomada de posicionamento político ou da interpretação de problemas inerentes à realidade social a partir de prismas religiosos de significação do mundo.

As análises apresentadas têm como objetivo fundamentar a classificação da existência de três momentos distintos da linha de pensamento do jornal *O São Paulo* durante o período que compreende o recorte temporal proposto, sendo eles: a gênese conservadora ultramontana (1956-1964); a fase de transição (1964-1970); e a tomada de

revisado e ampliado em co-autoria, pela equipe do Laboratório de Estudos sobre Religiões e Religiosidades vinculado à UEL PR, para compor o respectivo Dossiê.

posicionamento progressista (1970-1985). Reforça-se, ainda, o papel central que as lideranças arcebispaís paulistanas exerceram na definição de cada uma das fases indicadas.

É importante destacar o debate sobre a formulação de uma história do político em que Aline Coutrot (2003) menciona a importante relação entre religião e política. Embora sejam distintas, a historiadora busca encontrar mediações entre elas, levando a um processo de interdependência. Para a autora, “o fundamento de todas essas mediações reside no fato de que a crença religiosa se manifesta em Igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política. Como corpos sociais, as Igrejas cristãs difundem um ensinamento que não se limita às ciências do sagrado e aos fins últimos dos homens” (COUTROT, 2003, p. 334).

Reforça-se, ainda, a convergência das análises apresentadas com o horizonte conceitual *gramsciano* de análise das ideologias e da hegemonia. O filósofo sardo entende as ideologias como concepções particulares de grupos de classe, em conjunturas específicas, que objetivam atribuir sentido e direcionamento para a tomada de decisão e direcionamento de ações imediatas, enquanto a hegemonia, por sua vez, consiste na capacidade que determinado grupo possui de transformar suas percepções particulares em consenso social compartilhado por outros grupos de classe da sociedade, viabilizando o atendimento dos interesses imediatos deste grupo (GRAMSCI, 2011a; 2011b; 2011c).

Dentro desta problemática, os meios de comunicação social (MCS), conceituados por Gramsci (2011b) como aparelhos privados de hegemonia, exercem essencial papel na difusão de ideias inerentes à concepção particular de mundo, que objetivam a consolidação deste consenso ideológico que culmina, em última instância, na conquista da hegemonia de determinado grupo de classe em uma conjuntura específica. Assim, a pesquisa realizada em jornais, outrora criticada no processo de pesquisa histórica e social (LUCA, 2008), permitirá a compreensão de distintas correntes ideológicas presentes no clero paulista, em um importante momento político da história brasileira.

A gênese d'O São Paulo: catolicismo e status quo

No primeiro exemplar editado do semanário, em 25 de janeiro de 1956 edição de lançamento, sob a fase final do arcebispado de cardeal Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, há uma série de artigos que tratam da vida e das obras do apóstolo Paulo, associada ao lançamento do jornal e às expectativas vinculadas à atuação desse meio de comunicação da Arquidiocese na imprensa paulistana. Essa primeira publicação trouxe 16 páginas editadas em papel jornal tamanho “tablóide”, com a primeira página composta pela foto do arcebispo e um texto de apresentação do semanário em duas formas: manuscrita, com sua rubrica, e tipográfica, com a foto do apóstolo Paulo ao lado.

O exemplar expôs um texto apresentado pelo então arcebispo de São Paulo, cardeal Motta, que ressaltava a importância da discussão sobre a relação entre a Igreja Católica, a metrópole paulistana e a imprensa. Essa abordagem indicou a relevância dada pelo arcebispo aos meios de comunicação social (MCS) e, ao mesmo tempo, enfatiza sua importância como principal liderança hierárquica da Igreja Católica em São Paulo.

A edição de *O São Paulo* representa um marco para a Igreja Católica de São Paulo na sua relação com os MCS e com a história da cidade de São Paulo. Retomando a referência sobre a imprensa, as palavras de cardeal Motta exortam significativamente que:

[...] os diretores deste semanário estão cientes e conscientes da dignidade e da responsabilidade da missão social da imprensa, no livro e no jornal.

Bem sabem que tão incontestável [sic] é a força da imprensa, na vida moderna, que já é cognominada de “Quarto Poder” do Estado: completando os poderes Legislativo, Judiciário, Executivo (MOTTA, 1956, p. 1).

As indicações acima permitem perceber o posicionamento assumido pela Arquidiocese de São Paulo frente à sociedade da época, incluindo advertências quanto aos limites e prejuízos da imprensa: “é preciso que se tenha a sinceridade de reconhecer e a coragem de dizer que a maior parte da degradação moral contemporânea é causada pelos malefícios impressos nos compêndios e nas folhas” (MOTTA, 1956, p. 1). Com exagero e em tom exclusivamente moralista, a imprensa é responsabilizada por ele pelo decisivo papel na “degradação moral contemporânea”, porém, ao mesmo tempo, indica-se que a “imprensa digna” é fundamental para a “saúde mental de uma nação” e se ressalta, num pronunciamento ufanista, que “o futuro de uma pátria é a tinta da imprensa”.

Dessa forma, a Igreja Católica chamava para si a responsabilidade de promover uma batalha do Bem contra o Mal, tendo como uma de suas principais estratégias da época a consolidação de “uma imprensa que supere as armas do poder das trevas”. Para o cardeal Motta, a relação da Igreja com a imprensa era, portanto, clara e definida. É pertinente indicar que a consolidação do semanário paulistano ocorre em um momento mais avançado da quarta fase de desenvolvimento da imprensa católica que, conforme explicita Lustosa (1983), foi marcada pelas tendências à especialização.⁵

⁵ Lustosa (1983) periodiza da seguinte forma o desenvolvimento da imprensa católica no Brasil: 1ª fase de iniciação (1830-1860); 2ª fase de consolidação (1870-1900); 3ª fase de organização e articulação (1900-1945); e a 4ª fase de especialização, que se inicia em 1945.

É possível perceber que a equipe responsável pelo jornal *O São Paulo*, empossada pelo cardeal Motta, estava em consonância plena com os ideais de defesa da doutrina e da moral católicas. A utilização dos MCS era a “arma” necessária para a luta contra vários aspectos do “mundo moderno”, assim como o avanço das Igrejas protestantes, representantes de um “recluo deplorável”.

A perspectiva do semanário católico no momento de sua fundação encontrava-se em consonância com a Encíclica *Miranda Prorsus*⁶ (sobre cinema, rádio e televisão) que só foi publicada em 8 de setembro de 1957 e que traçou os dons e perigos dos meios eletrônicos: “quisermos confiar-vos, veneráveis irmãos, as nossas preocupações, por vós certamente compartilhadas, acerca dos perigos que o uso não reto das técnicas audiovisuais pode constituir para a fé e integridade moral do povo cristão” (PIO PP. XII, 1957, *online*). Apresentando, desta forma, as repercussões que as ideias difundidas pelo semanário deveriam promover, na sociedade paulistana.

Há a intenção de construção de uma sociedade católica que combatesse e impedisse “os desmandos e abusos, inqualificáveis e talvez insanáveis, da imprensa de nossos tempos”, que estaria em descompasso com o “uso reto” que visa à solidificação da fé dos cristãos. Ainda que devesse enfrentar todos os recursos da má-fé, associados à concorrência, fraudes e exploração dos leitores, porque “os valores permanentes da ordem espiritual são os únicos capazes de assegurar a salvação da civilização moderna” (MANCHETE, 1956, pp. 1-2).

Assim, nos seus anos iniciais de publicação, *O São Paulo* evidenciava a prestação de serviços aos órgãos da Igreja e divulgação de suas atividades internas – a publicação da temática religiosa era uma das suas principais funções.

Ao buscar as evidências sobre as concepções da Igreja de São Paulo sobre o papel dos meios de comunicação de massa, é possível perceber a matriz romanizada e vinculada ao Vaticano, resultante dos processos implementados pelas Reformas Ultramontanas⁷ desde o século XIX. Desta forma é possível compreender por que a Encíclica *Les merveilleux progrès - Miranda prorsus*, sobre o cinema, rádio e televisão foi publicada na íntegra e em espaços privilegiados durante quatro semanas consecutivas⁸,

⁶ Encíclica sobre os MCS: “nesse campo, como em vários outros, entretanto, o precursor do Vaticano II foi o papa Pio XII, de modo especial com a Encíclica ‘*Miranda Prorsus*’” (DALE, 1973, pp. 15-9).

⁷ A reforma ultramontana foi um movimento católico que buscou fortalecer os interesses de Roma a partir de um contexto do liberalismo a partir do século XIX. O combate ao protestantismo, espiritismo e maçonaria foi um exemplo disso.

⁸ Todas as primeiras e segundas páginas das edições de *O São Paulo* foram utilizadas na transcrição da Encíclica *Les merveilleux progrès - Miranda prorsus*, excetuando a segunda página da primeira semana,

sob o título: “A Palavra do Papa”. A introdução a essa Encíclica, apresentada no dia 29 de setembro de 1957, afirma:

Os maravilhosos progressos técnicos de que se gloria a nossa época são, indubitavelmente, obras do talento e do esforço humano. Todavia, antes de mais nada, são dons de Deus, nosso Criador, de quem derivam todas as obras boas (MANCHETE, 1957, p.1).

A apresentação da Encíclica acima foi feita no espaço mais destacado e privilegiado de uma publicação jornalística, a manchete da primeira página – e, no caso, durante um longo período de quatro semanas. Essas características revelam a importância dada às ações da hierarquia católica, assim como aos direcionamentos vindos de Roma, aspecto preponderante para a definição da matriz ideológica que inspirou esse período da história d’*O São Paulo*.

O semanário, com sua matriz ideológica conservadora, possuía uma perspectiva política que expressava os vínculos sólidos entre a Igreja de São Paulo e o Estado. Ainda, manifestava uma simpatia no plano internacional em relação aos governantes dos Estados Unidos da América – devido a referências aos seus presidentes ou aos grandes feitos estadunidenses.

O conservadorismo católico e o combate aos “inimigos” da moral cristã

A imprensa católica era apresentada nas páginas do semanário paulistano como a detentora da verdade, da “boa-nova” e das bênçãos necessárias, porque possuía a capacidade para efetivar o “bom combate” contra qualquer tipo de “inimigo”, mas principalmente contra todos os que negavam ou combatiam a religião; o medo do perigo “comunista” compõe um dos cerne de combate católico, motivador de ações católicas nas mais diferentes esferas de atuação da Igreja.

Nesse sentido, o editorial intitulado “Um General Falando sobre o Comunismo”, a seguir, representou uma estreita ligação ideológica entre a versão militar e o catolicismo paulistano. A adoção da fala do general Floriano de Lima Brayner, chefe do Estado-Maior do Exército, em uma conferência de abertura do ano letivo da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército contribuiu para a melhor compreensão do referido aspecto e do posicionamento do semanário.

de 29 set. 1957; ainda, há uma quinta semana, de 27 out. 1957, em que foi publicada a conclusão da Encíclica na última página do semanário.

[...] a atuação dos estudantes, que se deixam continuamente envolver em campanhas e movimentos, às vezes os mais estranhos aos interesses imediatos da classe, e cujo *objetivo é criar a mentalidade revolucionária nos moços*, distraí-los dos estudos, incapacitá-los para exercer a verdadeira influência, tornando-os profissionais sem preparo nem descortino, *facilmente domináveis pelas forças que se preparam para dominar a Nação*. (EDITORIAL, 1960, p. 3, grifo nosso)

Nessa época, o mundo vivia sob a égide da Guerra Fria (HOBBSAWM, 1995) e o posicionamento das elites políticas brasileiras em geral estava atrelado às ideias da civilização capitalista e seus principais líderes (Estados Unidos, França, Inglaterra), que tinha como grande inimigo o comunismo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Assim, a salvaguarda nacional contra o comunismo foi representada pelas Forças Armadas e o semanário *O São Paulo* deixava clara sua anuência em favor do capitalismo e dos militares brasileiros. A matriz política adotada pelo semanário frente ao embate Estados Unidos *versus* Cuba subsidiava inúmeras reportagens e matérias contra o Estado cubano pós-revolução ou qualquer outro país que se vinculasse à URSS.

Na perspectiva de combate ao comunismo e suas ideias, inúmeras matérias e reportagens difundiam informações sobre perseguições aos membros da Igreja Católica em Havana, desde a Revolução Cubana (1959), e a opção daquele país por alinhar-se à URSS (no início da década de 1960). O semanário permaneceu em campanha contra o comunismo internacional e o projeto socialista cubano, como é possível observar:

O Peixe das Catacumbas Reaparece em Havana

Havana (NC) – O mesmo peixe que foi símbolo dos cristãos perseguidos nas catacumbas há 20 séculos aparece cada vez mais pelos locais públicos de Havana como embrema [*sic*] da resistência contra o comunismo. Em geral, ao lado dos cartazes de propaganda oficial do célebre “piscis”, que os primeiros cristãos consideravam a figura de Cristo, pois suas letras formam as iniciais da frase grega “Cristo, filho de Deus, Salvador”. (PRIMEIRA PÁGINA, 1961, p.1).

Como um contraponto à Cuba e uma reafirmação da opção preferencial pelo capitalismo internacional, várias reportagens publicadas durante o ano de 1961 enfatizaram a figura de John Kennedy, presidente católico dos Estados Unidos (1961-1963), por exemplo:

Na Venezuela e na Colômbia – *Viagem de Kennedy revela novo clima na América Latina* – O entusiasmo com que o presidente Kennedy e sua encantadora esposa Jacqueline foram recebidos nesta semana na Venezuela e na Colômbia, demonstraram o fracasso total dos comunistas empenhados em demonstrar uma oposição acirrada aos planos de cooperação entre estas nações e os Estados Unidos no combate ao subdesenvolvimento destes países. (MANCHETE, 1961, p.1⁹)

A matriz ideológica que subsidiava os textos e análises contidas n’O *São Paulo* possuía um perfil católico ultraconservador, negador das mudanças vistas na década de 1950, que prenunciaram os grandes questionamentos promovidos pelos jovens nos anos 60. Ali já era possível notar a tônica anticomunista que norteou vários anos de publicação do semanário, em que ficou visível a contraposição do *ocidente cristão democrático* em relação ao *oriente ateu comunista*.

Além dos aspectos religiosos existia a clara presença das contradições internas que permeiam a estrutura da Igreja Católica em todo o mundo. Nesse sentido, o semanário *O São Paulo* realizou, a partir de 1961, uma série de reportagens e discussões a respeito da reforma agrária no Brasil.

A manifestação católica, de forma oficial e hierárquica, sobre as relações sociais que envolvem o capital, a propriedade privada, relações de trabalho, justiça, desenvolvimento econômico e social indicam a preocupação constante frente às mudanças do mundo contemporâneo, mas também eram reflexo da tomada de posição diante das manifestações sociais pró-socialistas ou comunistas na América Latina e no mundo – por isso, foi um direcionamento dado ao público leitor católico de como se posicionar na busca das soluções para os principais dilemas nacionais ou internacionais.

A participação política estimulada pela Igreja Católica nessa época ficou restrita ao *voto*, tanto que o vínculo das edições do semanário com as crises políticas pelas quais

⁹ Espantosamente, essa chamada vem ocupando o lugar privilegiado da mensagem de Natal, destaque dado à manchete de primeira página, costumeiramente publicada na semana próxima ao dia 25 de dezembro.

passava o País muitas vezes era inexistente. Confirmação dessa abordagem de pseudo “neutralidade” jornalística frente os fatos políticos verifica-se na não-cobertura jornalística dada ao golpe militar de 1964.

O jornal católico paulistano e o Golpe militar de 1964

É destacável a ênfase dada pelas edições do semanário católico paulistano de 22 e 29 de março e 5 de abril de 1964, que estiveram vinculadas às temáticas religiosas, como a Festa da Páscoa e os eventos internos da Igreja Católica. Na edição de 5 de abril, foi publicado o seguinte comunicado:

Mensagem do Episcopado Paulista

É com a maior preocupação paternal que nos dirigimos a todos os nossos fiéis diocesanos *conclamando-os a que se unam nesta hora grave, no amor fraterno, traduzindo-o em fervorosas preces a Deus, por intercessão de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, para que se firme na Pátria conturbada clima de “verdade, justiça caridade e liberdade”* (João XXIII, *Pacem in terris*), *evitando toda e qualquer violência que venha derramar sangue de irmãos.* São Paulo, 1 de abril de 1964. (PRIMEIRA PÁGINA, 1964a, p.1)

Vários acontecimentos nacionais evidenciavam a crise instalada entre o Comando das Forças Armadas e o então presidente João Goulart (FAUSTO, 2001), porém nada dos aspectos associados à crise política era tratado nas edições do semanário. O pronunciamento do cardeal Motta tem um zelo religioso e devocional ao discutir o grave acontecimento político institucional de quebra de mandato de um presidente eleito democraticamente pela população brasileira. Ficou evidente também a forma indireta de se informar a mudança no Poder Executivo, conforme os destaques na citação acima.

Na edição de 12 de abril de 1964, a manchete continua com a abordagem religiosa, Dia Mundial das Vocações, seguida da matéria a esse respeito que ocupou a maior parte de toda a primeira página. Foi deixado um pequeno espaço destinado a mais três pequenas matérias, sendo uma delas sobre a situação política nacional, a seguir:

Brasil Tem Novo Presidente

Um movimento revolucionário iniciado pelos governadores de MG, SP, Guanabara e Rio Grande do Sul e apoiado pelas Forças Armadas, conseguiu, em poucas horas, derrubar o

presidente João Goulart. O III Exército, sediado no Rio Grande do Sul, tentou resistir, mas vendo que seria inglória a sua luta decidiu entregar-se.

Os chefes do movimento revolucionário que teve como escudo o combate ao comunismo estão efetuando várias prisões de brasileiros e estrangeiros acusados de se acharem a serviço dessa ideologia materialista e anticristã. (PRIMEIRA PÁGINA, 1964b, p. 1, grifo nosso)

A opção jornalística ao trabalhar com as informações acima explicitou a adesão à terminologia adotada pelo Comando das Forças Armadas, que designou a ação golpista como “movimento revolucionário”. Esta é a manifestação de como a Igreja Católica e, no caso, a paulistana – mantinha seus vínculos com o poder instituído pelos militares, apresentados em seu discurso oficial como defensores da Pátria contra o comunismo internacional e detentores de credibilidade para tirar de circulação, por meio de prisões, os indivíduos que ameaçassem a sociedade brasileira capitalista e cristã.

Ao discutir essa temática com os argumentos acima, faz-se necessário apontar as contradições internas da Igreja Católica, que se refletem nas suas posições frente à política nacional. A crença do alto clero da Igreja Católica de São Paulo no Comando das Forças Armadas e no “movimento revolucionário de 1964” não era unanimidade. Tanto que Dom Angélico Sândalo Bernardino¹⁰ ao ser questionado, em entrevista, sobre sua interpretação sobre a deposição do João Goulart, afirmou:

Coligação, coligação daquilo que havia de mais atrasado, das oligarquias nesse País, tanto das classes dirigentes da cidade com as oligarquias do campo, auxiliadas, apoiadas, incentivadas pelos Estados Unidos, pela CIA. Então [...] um frear do avanço dos movimentos que queriam um Brasil mais digno, de acesso da população marginalizada e excluída à terra, à educação, à moradia, à escola. Então, eles quiseram frear, com a desculpa do perigo comunista... (LANZA, 2001, p. 138).

¹⁰ A sua nomeação episcopal ocorreu em 1974, e a sua ordenação episcopal para São Paulo em 1975, Dom Angélico Sândalo Bernardino foi “quem substituiu Frei Romeu Dale [na direção d’O São Paulo em 1977, inclusive, aprimorou o aspecto visual do semanário sem comprometer a visão crítica implantada por Dale” (CHIARADIA PEREIRA, 2005, p. 80).

As contradições internas se tornaram tão evidentes e incomodaram a direção hierárquica da Igreja de São Paulo a tal ponto que um editorial d’O *São Paulo* as discutiu, tentando negá-las e impor um auto consenso institucional:

Existe uma opinião manifestadamente desconhecedora dos mais altos desígnios da Doutrina Social da Igreja [...]. E teima-se em afirmar que a Igreja, ou pela parte do clero, tem estendido desesperadamente a mão para as esquerdas. Resulta isto de falta de compreensão exata do que seja o ensinamento social da Igreja. Não se trata com efeito de uma “ideologia”, limitada historicamente a um determinado complexo social, mas de um “testemunho” da vocação sobrenatural do homem. Os que acusam a Igreja de manter compromissos com o capitalismo liberal ou com movimentos pró-comunistas cultivam a confusão (EDITORIAL, 1964a, p. 2).

A fundamentação da argumentação do Editorial acima explicitou uma base moral-religiosa, apreendendo a Igreja como uma instituição que pairava acima de toda a sociedade, como se fosse possível o seu não envolvimento com as principais questões ou problemas políticos, econômicos e sociais. Buscava-se, deste modo, negar os reflexos das principais contradições sociais dentro da sua organização institucional.

As mudanças no plano político nacional ocorriam *pari passu* às alterações na Arquidiocese de São Paulo. Na edição de 3 de maio de 1964, o cardeal Motta comunicou oficialmente sua partida para a Arquidiocese de Aparecida (SP). Nos meses iniciais da ditadura militar (1964-85), as contradições internas da Igreja Católica, frente à conjuntura nacional, intensificaram-se e já se evidenciavam nas próprias edições d’O *São Paulo*:

[...] *se a Revolução teve a intenção de arrancar o País ao comunismo – lembram os bispos – de fazer valer a Justiça, o Direito e o bom senso, tem pela frente ingente tarefa. Há de expurgar as causas da desordem, mas sem arbitrariedade e sem violência, garantindo aos acusados o sagrado direito de defesa, para que não medrem as desforras e as vinganças mesquinhas que se costumam valer dessas oportunidades* (EDITORIAL, 1964b, p. 3, grifo nosso)

Existe, escancaradamente, a concordância do alto clero paulistano com a ação golpista de 1964, entendida como responsável pela restauração da ordem que estaria sendo ameaçada pelo avanço bolchevista no Brasil. No entanto, ficaram expostas as preocupações acerca do uso da violência e arbitrariedade policial, que não eram suficientes para resolver os demais problemas da sociedade brasileira. Mais ainda, contrariamente ao protocolo militar, reafirmou-se o “sagrado direito de defesa” dos acusados presos nas ações policiais.

Transição no Catolicismo Paulistano: contradições e o início de uma nova época

O semanário *O São Paulo* acompanhou e publicou todas as fases preparatórias, assim como os diversos momentos de realização do Concílio Vaticano II. Inúmeros documentos foram editados na íntegra a partir de 1961 e, dada a sua significância, o novo arcebispo, cardeal Rossi, aproveitou o término do Concílio e, logo após, já fez alguns encaminhamentos:

[...] no seu primeiro contato com o clero da Arquidiocese, na reunião do dia 20 de dezembro, estabeleceu o emmo. [sic] Sr. Arcebispo Metropolitano, cardeal Rossi, as bases do trabalho que deverá ser efetuado em São Paulo. *A tarefa da Hierarquia, dos sacerdotes e dos católicos em geral é agora fazer penetrar na vida católica, com em toda a sociedade, as normas ditadas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. Demandará isso tempo e, sobretudo, uma grande docilidade e zelo da parte de padres e leigos, tanto mais que se hão de vencer hábitos e mentalidades fixadas às vezes desde séculos, de modificar costumes arraigados e alterar maneiras de ver e de julgar profundamente inseridas.* (EDITORIAL, 1966, p. 3)

Dessa forma, fica bem indicada a transitoriedade da sua administração. O período de Arcebisado de Dom Agnelo Rossi (1964-70) é característico por não se tratar apenas da Igreja pós-conciliar de São Paulo, mas também por não haver, ainda, uma nova identidade constituída que apontasse mudanças na postura da Igreja em suas relações estabelecidas com a sociedade paulistana.

No avanço da transitoriedade, em maio de 1966, houve a chegada de dois bispos auxiliares de cardeal Rossi: Novos Bispos Auxiliares para os Trabalhos Religiosos da Arquidiocese, Dom Bruno Maldaner, Dom Evaristo P. Arns, nomeados por Paulo VI, destacando os vínculos de D. Paulo com a educação e os MCS. A linha jornalística do

semanário continuava, contudo, alinhada com a matriz conservadora, que vinha desde o período de cardeal Motta: a temática religiosa e seus eventos e a proximidade com os governantes militares no poder, além das críticas ao comunismo internacional, que eram a tônica das reportagens nos anos iniciais (1964, 1965, 1966) do Arcebispado do cardeal Rossi.

A relação entre Estado e Igreja era tão sólida que várias reportagens d'*O São Paulo* enalteciam o papel dos militares na história brasileira, ou os feitos realizados por eles na administração estatal após o Golpe. Nesse sentido o semanário, ainda, destacou as medidas de Castelo Branco relativas à proteção dos trabalhadores, classificando sua gestão presidencial como um:

[...] governo que desdenha a impopularidade e que se preocupou, exclusivamente com os interesses superiores do País, qualquer que seja a repercussão das medidas que adota, o presidente Castelo Branco, sem qualquer propaganda ou exploração demagógica, baixou decreto-lei que reforça a proteção do trabalhador brasileiro (EDITORIAL, 1967, p. 3).

No mês de janeiro de 1967 o Congresso Nacional foi reaberto, tendo em vista que havia sido fechado pelo presidente Castelo Branco às vésperas das eleições, no final de 1966. Alguns parlamentares não retornaram, devido às cassações de mandatos instituídas pelo Comando Militar, porém, totalmente alinhado ao *status quo* da ditadura militar, o semanário fez a seguinte publicação de primeira página:

O presidente da República recebe com júbilo a Carta Promulgada

O marechal Castelo Branco, em discurso pronunciado, no Palácio do Planalto, no dia 24, ao receber os líderes congressistas logo após a promulgação da Carta, manifestou júbilo e otimismo no futuro do Brasil sob a égide da nossa Constituição.

“No magno ato há pouco realizado no Congresso Nacional – afirmou – privativo da sua soberania, agora aqui, mais por um gesto político do que por mero formalismo, o senador Auro Moura Andrade e seus companheiros me permitem compartilhar do júbilo de um dos grandes dias da história do Brasil” (PRIMEIRA PÁGINA, 1967, p. 1)

O posicionamento político da reportagem acima abdicou de qualquer crítica ao processo de elaboração da Carta Magna e valorizou a perspectiva ufanista, difundida pelo *marketing* político dos militares junto à população em geral.

Com referência ao processo de transição característico dos anos 1966-70, que envolveu mudanças nas concepções da Igreja de São Paulo junto aos MCS, na sua relação com o poder político estabelecido, com a sociedade paulistana e no direcionamento dado pelo arcebispo frente à realidade institucional e social, em meados de 1967 Dom Paulo Evaristo Arns¹¹ passou a escrever semanalmente n’*O São Paulo*, em uma coluna intitulada “Almas que Procuram”, em que também eram respondidas cartas dos leitores.

A presença de Dom Paulo E. Arns na equipe editorial do semanário permitiu uma nova possibilidade jornalística, tanto que houve a publicação de um manifesto da Ação Católica Operária contra o governo federal, que entrou em conflito com as informações difundidas em uma Manchete no início de 1967, reproduzido a seguir:

Ação Católica Operária – manifesta-se contra política do Governo
S. PAULO (Asapress) – A Ação Católica Operária do Estado de São Paulo divulgou no dia 7 manifesto contra a atual situação político-econômica do País, conclamando os trabalhadores a lutarem pela mudança deste estado de coisas (MANCHETE, 1967a, p. 8)

O referido processo de transição (que marca a crise que envolve a matriz conservadora da Igreja para uma nova fase) contribuiu para que o semanário publicasse, de forma inédita, matérias abertamente contrárias aos interesses do Comando Militar que governava o País:

Bispos examinam situação criada entre Igreja e Exército
[...] Dom Waldir [bispo de Volta Redonda, RJ], que teve o Palácio invadido por militares] [...] *Disse que os acontecimentos que culminaram com a prisão dos quatro seminaristas não foram os primeiros que se seguiram à Revolução e que “o movimento de março de 1964 não foi uma revolução e sim um simples golpe de Estado”* (MANCHETE, 1967b, p. 1, grifo nosso)

¹¹ Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016) foi o 5º arcebispo de São Paulo. Um dos principais membros do clero vinculado à Teologia da Libertação. Atuou junto a trabalhadores e moradores das periferias, ajudando também na organização das CEBs – Comunidades Eclesiais de Base.

Nesse sentido, passavam a ser frequentes matérias que indicavam o distanciamento, pelo menos em parte, da Igreja Católica e do Estado, como pode ser evidenciado no grifo acima no depoimento de Dom Waldir, particularmente na afirmação de que o ocorrido em 1º de abril de 1964 foi um Golpe militar. Essa atitude possuía um significado claro de ruptura com a posição política dominante, que se autodenominou “Revolução de 1964”. Existem, ainda, outros exemplos que reforçam essa nova contradição exposta n’O *São Paulo*, como o título da manchete: “Até o Evangelho Pode Ser Encarado como Subversivo” (MANCHETE, 1967c, p. 1). Deixando cada vez mais evidentes as contradições internas da Igreja Católica nas matérias editadas por *O São Paulo*, além de indicar possibilidades de um afastamento das posições políticas governamentais.

Essa nova perspectiva, nunca antes vista n’O *São Paulo*, exigiu também uma reformulação na sua abordagem jornalística, processo que permeou, entre outros aspectos, o debate

[...] sobre a opinião pública na Igreja não é um tema novo, porém nem todos a compreendem corretamente, e com freqüência é causa de mal-entendidos. [...] *A imprensa poderia e deveria ser o lugar do diálogo interno da Igreja.* [...] Mas convém lembrar que precisamente, em nossos dias, um grande público sente uma *necessidade completamente nova* e demonstra *interesse* por problemas *teológicos e político-religiosos*. [...] *Durante o Concílio um bispo levantou a voz para dizer: “À imprensa católica falta algo da personalidade, de decisão e de criação que é próprio do jornalismo, que deveria exercer diante da resistência interna da Igreja”* (MANCHETE, 1968a, p. 1, grifo nosso).

O ponto de partida para uma ampla discussão, relacionada à opinião pública, implica um processo marcado pelo conflito de ideias, que, segundo a citação acima, é também responsabilidade da imprensa católica. Mas, a afirmação de que durante o Concílio Vaticano II houve uma nova necessidade que envolveu problemas teológicos, evidencia uma crise na teologia tradicional, que era característica predominante da Igreja Católica, quando se propôs debater aspectos teológicos e abriu-se uma nova possibilidade de formulação teológica – como foi o caso da Teologia da Libertação, em que a figura do leigo, atuando junto às comunidades, teve um papel singular (PY, 2016).

A co-responsabilidade do leigo e do referido semanário, indicada acima, implica um processo de participação, que pode questionar os problemas de ordem político-religiosa. Essa indicação é expressão do processo de transição visto no final da década de 1960 também no interior da Igreja Católica paulistana. Assim, essa perspectiva entrou em consonância com as matérias denunciantes de contra aspectos do *status quo*, algo que não era característico da linha jornalística do semanário.

As contradições são ricas e evidentes frente à matriz ideológica conservadora que subsidiava a abordagem jornalística d'*O São Paulo*, porque o alinhamento à política governamental ainda era uma característica predominante do semanário, assim como o cerceamento às mudanças no campo moral e à própria imprensa nacional.

Frente à discussão sobre o papel da imprensa católica, a manchete “Muda a Imprensa na Renovação da Igreja” trouxe mais elementos que enfatizam as contradições sobre a temática vinculada aos MCS e que valorizou o Decreto Conciliar *Inter mirifica*:

A imprensa católica não deve ser somente uma imprensa para os católicos; no futuro ela deve significar mais o trabalho dos católicos para todos os homens da Terra. [...] O Decreto IM [*Inter mirifica*] foi o documento promulgado pelo Concílio. Um formoso gesto do Concílio, dedicado a sublinhar o significado dos meios de comunicação no tempo atual. A imprensa foi compreendida no Concílio dentro dos meios de comunicações sociais. (MANCHETE, 1968b, p. 1)

Na perspectiva inspirada nessa nova matriz ideológica, Dom Paulo E. Arns publicou uma matéria, afirmando que:

[...] não há mais dúvida, o Povo de Deus, quer queira quer não, está hoje imerso nos acontecimentos e se vê obrigado a participar deles. É um bem [sobre os meios de comunicação], não resta dúvida. *Mas é igualmente uma nova responsabilidade diante de Deus e dos homens.*

Não teríamos nunca chegado a sentir toda a extensão de nossos males, não existissem os meios de comunicação social. Por exemplo, nosso subdesenvolvimento e nosso analfabetismo chegam a apresentar-se hoje como um desafio. Existiram sempre e fizeram, durante séculos

inúmeras vítimas. *Poucos lhes atribuíam importância e poucos, por isso mesmo, se engajavam na luta hoje* (ARNS, 1968, p. 2)

A apresentação dos argumentos de Dom Paulo explicita uma nova leitura da realidade, publicada n' *O São Paulo*. A lógica, segundo a qual os MCS podem levar à tomada de consciência e contribuir para que as pessoas lutem e se organizem de forma engajada para a transformação da realidade, era uma leitura que entendia o mundo com suas contradições e processos históricos, onde Igreja e povo são desafiados frente às injustiças e desigualdades sociais da realidade brasileira.

Com o episódio da prisão dos padres em Belo Horizonte (MG), no início de dezembro de 1968, houve uma ampla discussão sobre o conceito de subversão, que colocou “por terra” toda a ação militar ou paramilitar que acontecia no País contra os civis, que prestavam algum tipo de serviço às camadas populares ou eram questionadores do *status quo*. O conceito de subversão foi apresentado no semanário, consolidando um grande escândalo no plano político nacional, tendo em vista que indicava uma ruptura com as elites nacionais (militares, políticas e econômicas). O editorial afirmava que:

Sacerdotes Presos

Em Belo Horizonte, ainda uma vez padres são presos. A acusação é a mesma: subversão da ordem. [...] No fundo é a proclamação do Evangelho que grita bem alto as bem-aventuranças dos que padecem por amor à verdade e à justiça.

Aqueles que realmente subvertem não são presos, como, por exemplo, os fazendeiros de Goiás e mesmo de S. Paulo que [querem] impedir os camponeses de se sindicalizarem ou verem aplicados os benefícios do Estatuto do Trabalhador da Terra (EDITORIAL, 1968, p. 2).

Deve ser salientado, ainda, mais uma contrariedade comum a essa fase d' *O São Paulo*: nas edições do mês de dezembro de 1968 não houve nenhuma alusão ao AI-5, indicativo atribuído à perspectiva jornalística conservadora ainda existente. Esse “não-pronunciamento” era comum em vários outros momentos de profunda crise na conjuntura política nacional, como já citado na primeira parte deste Capítulo. Somente em 26 de janeiro de 1969 é que houve a pronúncia de cardeal Rossi sobre a situação política nacional e o AI-5:

Igreja e Exército: Posições Diversas Abalam a Opinião Pública
[...] ATO Nº 5

Se o ato de 13 de dezembro último, que foi geralmente recebido com surpresa, inquietação e decepção, der ao governo força para moralizar a administração pública, suscitar o espírito de responsabilidade, punir os grandes e reais responsáveis de nossos males, introduzir as reformas para que se firme, no País, a justiça social, então o sacrifício que o Brasil paga hoje à liberdade será benéfico para nosso porvir. Se, ao contrário, tal não suceder, não podemos nem sequer prever as conseqüências futuras desse ato (ROSSI, 1969, p. 3).

O posicionamento de cardeal Rossi foi moderado e permitiu um lastro de confiança e seriedade às Forças Armadas brasileiras¹², tal qual à Igreja, independente do cerceamento das liberdades que iam sendo expropriadas a cada Reforma Constitucional ou a cada Ato Institucional. Assim, sobre as relações estabelecidas entre a ditadura militar brasileira e o cardeal Rossi, é pertinente considerar que:

Toda sua gestão no arcebispado de São Paulo (1964-1970) foi marcada por uma relutância em criticar o regime, por esforços para negar a existência de um conflito entre a Igreja e o Estado e por contínuas tentativas de negociar com o regime. Ele se encontrava entre os poucos bispos proeminentes que continuaram a rezar a missa em comemoração ao golpe e, em diversas viagens, argumentou que as notícias de tortura no Brasil eram exageradas (MAINWARING, 2004, p. 124).

Independentemente de sua tendência a posicionar-se publicamente à favor de concepções políticas marcadamente conservadoras, o cardeal Rossi não cerceou a liberdade de veiculação de percepções contrárias às suas nas páginas do semanário católico, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de um modelo mais democrático de gestão editorial do jornal *O São Paulo*.

¹² A não ser pela pequena ressalva: “Hoje, porém, por causa de mentalidades e posições diversas, tanto na Igreja como no Exército, a opinião pública está abalada, embora suas simpatias se voltem mais para a Igreja?” (ROSSI, 1969, p. 3).

Por último, outro aspecto relevante que indica a transitoriedade do período de atuação do arcebispo cardeal Rossi n' *O São Paulo*, tendo em vista as mudanças já indicadas acima, foi a saída de Dom J. Lafayette F. Álvares da Direção do semanário, já co-dirigido por Dom Paulo E. Arns. É significativa essa alteração no quadro diretor, tendo em vista que Dom Lafayette foi um dos fundadores d' *O São Paulo*, junto com cardeal Motta, em 1956. É possível afirmar que a matriz conservadora que norteava a linha jornalística das edições também estava associada a ele.

Os ataques aos componentes da Igreja (leigos e clericais), entre outras lideranças sociais, aceleraram o processo de transição e ruptura com o conservadorismo hegemônico que predominou até 1968 e que possuía algumas características como: o atrelamento ao governo (ainda presente, porém com uma relação não tão solidificada), o personalismo e a supervalorização de imagens hierárquicas (expressão da romanização) do arcebispo e do papa (encontradas com menor frequência nas publicações), além das críticas ao comunismo (que foram perdendo espaço dentro do semanário).

Um novo norte jornalístico foi sendo implementado em meio à perspectiva conservadora que existia entre os de 1969 e os de 1970, o qual valorizou temas de cunho político, social, trabalhista, dos movimentos sociais, dos jovens, urgência das reformas de base e, principalmente, da reforma agrária, entre outros. Tais mudanças eram oriundas do Concílio Vaticano II.

Encerrando as análises sobre os aspectos que retrataram o processo de transição, que caracterizou a segunda metade do período de administração do cardeal Rossi na Arquidiocese de São Paulo, em 1970 ocorreu a nomeação do cardeal Rossi para prefeito da Sagrada Congregação no Vaticano. Por conseguinte, marcava-se a posse de Dom Paulo Evaristo Arns na Catedral da Sé e o início do que classifica-se como fase progressista da gestão do semanário católico.

É pertinente ressaltar que esta mudança de posicionamento do jornal *O São Paulo*, e do discurso oficial da Arquidiocese paulistana, acompanhou um movimento latino-americano de transformação que “resultou da interação dialética entre agentes pastorais, movimentos leigos e bispos”, ou seja, de agentes sociais distintos que, no caso da cidade de São Paulo, “não foram um todo coeso até que Dom Paulo se torna-se arcebispo” (MAINWARING, 2004, p. 123-124).

Da mesma forma, se destaca que a mencionada guinada de posicionamento destas parcelas progressistas do clero não implicaram processos homogêneos de alinhamento a princípios ideológicos coesos, nem no âmbito do clero brasileiro em geral (MAINWARING, 2004; SERBIN, 2001), nem nas próprias diretrizes ideológicas do jornal católico paulistano, cujas matérias censuradas, pela ditadura militar durante a década de 1970, evidenciam uma pluralidade de perspectivas filosófico-ideológicas

progressistas e reformistas que encontravam potencial espaço de acolhimento nas páginas do semanário *O São Paulo* (NEVES JR, 2016).

Assim, a gestão do cardeal Arns no jornal *O São Paulo* foi marcada pela efetiva consolidação de uma percepção progressista de defesa da convivência plural de percepções ideológicas democratizantes, posicionando-se oficialmente contra o caráter autocrático e antidemocrático do regime ditatorial militar instaurado no Brasil em 1964.

Considerações Finais

A partir das análises empreendidas a respeito do semanário católico paulistano *O São Paulo* foi estabelecida a existência de três diferentes períodos de sua existência (no recorte temporal aqui analisado, 1956-1978) condicionados não só pelos destoantes posicionamentos político-ideológicos, como também pela direção editorial que encontrava-se vigente no jornal, sendo eles: o período ultramontano (cardeal Motta); o período de transição (cardeal Rossi); e o período *progressista* (cardeal Arns).

Fundado em 1956 pelo cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta *O São Paulo* tinha como preceitos à perspectiva ultramontana, e romanizada, de restabelecer o poder da Igreja Católica em meio a sociedade ocidental, inserida em um contexto de gradual decadência – decorrida da disseminação dos ideais liberais, materialistas, socialistas e comunistas, assim como da proliferação da religião protestante. Para tanto, durante o período de direção de seu fundador (1956-1964) é visível a preocupação quase que exclusiva do seminário em disseminar conteúdo de orientação para a ordem, a disciplina e a moral (pautada nos conceitos católicos), assim como constantes críticas ao socialismo, comunismo, marxismo e, até mesmo, o liberalismo.

Com a chegada de D. Agnelo Rossi (1964-1970) ao arcebispado de São Paulo, e consecutivamente a edição do semanário, deu-se início a fase de transição deste meio de comunicação católico. Deve ser salientado a importância da chegada do cardeal Paulo Evaristo Arns à arquidiocese de São Paulo (1966), e sua participação direta na produção do jornal *O São Paulo*, para que seja feita a caracterização deste período de transição na qual o semanário católico comportou a convivência dos pontos de vista ultramontano e *progressista* em suas páginas.

Referências Bibliográficas

- CHIARADIA PEREIRA, José Aurélio. *Mídia e Igreja: do pensamento à ação comunicacional de Frei Romeu Dale*. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2005.
- COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

- DALE, Frei Romeu (org.). *Igreja e Comunicação Social*. São Paulo: Paulinas, 1973.
- FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vl. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vl. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, vl. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011c.
- HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- LANZA, Fabio. *A Ditadura Militar no Discurso - Memória da Igreja Católica Arquidiocese de São Paulo (1964-1985)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) apresentada à Universidade Estadual Paulista, Franca, 2001.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.
- LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Os Bispos do Brasil e a Imprensa*. São Paulo: Loyola, 1983.
- MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil 1916-1985*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- NEVES JR, José W. A. *Novas fontes para compreender a censura prévia militar: uma análise do arquivo censurado do jornal católico O São Paulo (1972-1978)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) apresentada à Universidade Estadual de Londrina, 2016.
- PY, Fábio. The lutheran rebellion in the Brazilian Countryside. *Crosscurrents*, n. 12, p. 121-136, 2016.
- ROSSI, Agnelo. *O São Paulo*, ano XIV, n. 677, p. 3, 26 jan. 1969.
- SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Fontes Documentais:

- ARNS, Cardeal. Meios de Comunicação Social: diálogo imenso e permanente. *O São Paulo*, ano XIII, n. 640, p. 2, 5 maio 1968.
- EDITORIAL. *O São Paulo*, ano V, n. 215, p. 3, 13 mar. 1960.
- EDITORIAL. *O São Paulo*, n. 428, p. 2, 12 abr. 1964a.
- EDITORIAL. O Episcopado e a Revolução. *O São Paulo*, n. 437, p. 3, 14 jun. 1964b.
- EDITORIAL. *O São Paulo*, ano XI, n. 518, p. 3, 2 jan. 1966.
- EDITORIAL. *O São Paulo*, ano XI, n. 570, p. 3, 1 jan. 1967.
- EDITORIAL. *O São Paulo*, ano XIII, n. 670, p. 2, 8 dez. 1968.
- MANCHETE. *O São Paulo*, ano I, n. 7, pp. 1-2, 11 mar. 1956.

- MANCHETE. *O São Paulo*, ano II, n. 88, 29 set. 1957.
- MANCHETE. *O São Paulo*, ano VI, n. 308, p.1, 24 dez. 1961.
- MANCHETE. *O São Paulo*, ano XII, n. 615, p. 8, 12 nov. 1967a.
- MANCHETE. *O São Paulo*, ano XII, n. 618, p. 1, 3 dez. 1967b.
- MANCHETE. Até o Evangelho pode ser encarado como Subversivo. *O São Paulo*, ano XII, n. 620, p. 1, 17 dez. 1967c.
- MANCHETE. *O São Paulo*, ano XII, n. 624, p. 1, 14 jan. 1968a.
- MANCHETE. Muda a Imprensa na Renovação da Igreja. *O São Paulo*, ano XIII, n. 651, p. 1, 21 jul. 1968b.
- MATÉRIA. O que Fez o Concílio. *O São Paulo*, ano XI, n. 518, 2 jan. 1966.
- MOTTA, Cardeal. *O São Paulo*, ano I, n. 1, p.1, 25 jan. 1956.
- PIO PP. XII. *Miranda Prorsus*. Carta encíclica sobre a cinematografia, a rádio e a televisão. 8 set. 1957. In: A Santa Sé. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html. Acesso em: 04 jan. 2024.
- PRIMEIRA PÁGINA. *O São Paulo*, ano VI, n. 262, p. 1, 5 fev. 1961.
- PRIMEIRA PÁGINA. *O São Paulo*, n. 427, p. 1, 5 abr. 1964a.
- PRIMEIRA PÁGINA. *O São Paulo*, n. 428, p. 1, 12 abr. 1964b.
- PRIMEIRA PÁGINA. *O São Paulo*, ano XII, n. 570, p. 1, 29 jan. 1967.